

SÃO PAULO – O RÁDIO DE IDÉIAS –

Luiz Maranhão Filho(UFPE-PE)

Há um principio consagrado nos estudos de Comunicação, através do qual todas as análises partem de dois polos entre si distanciados: o Emissor e o Receptor. Nenhum meio mais adequado para se estabelecer a dupla polarização do que o campo da Radiodifusão. Especificamente, trataremos o Rádio como o meio, para evitar distorções causadas sob o enfoque de Radiofonia. Isto será necessário como a fórmula mais adequada para se estabelecer uma nítida diferenciação entre o estritamente técnico e a abrangência multidisciplinar que os ingleses definiram, magistralmente, como “broadcasting”.

O Rádio comporta o Emissor – gerador da mensagem por suporte eletromagnético – e o Receptor que recebe esta mensagem e faz dela uma série de usos que começam pela simples sintonia de um som acústico e se estendem às mais díspares decodificações de significados. Sem os dois polos, não existe a Radiodifusão; existirá, no entanto, a Radiofonia, que é o ato de pôr um sinal nas ondas hertezianas. (classificação que é justa homenagem ao identificador dessas ondas.)

Bastaria uma restrita e leiga visão tecnológica, sem mais preâmbulos, para se chegar ao objeto do nosso estudo, que é o processo evolutivo do Rádio no Estado de São Paulo. Sem pretender historiá-lo ou restringir a pesquisa a uma busca de raízes, faz-se imprescindível a identificação, passo a passo e de todos os passos, de um evoluir contínuo, cronológico, fenomenológico, para se obter conclusões em torno da hipótese levantada – SÃO PAULO, O RÁDIO DE IDÉIAS: diferenciação da radiodifusão praticada no centro de convergência das atenções do país, a então Capital Federal e , acima de tudo, um processo influente em alguns recantos da nação brasileira, capaz de ser acolhido como formador de opinião e modelador de rumos e formatos

A premissa de ter sido “diferente”o rádio paulista como um todo, e paulistano em particular, precisa ser provada. Da mesma forma, é necessário que se constate que o processo de Radiofonia teve semelhanças e referências com todos os demais procedimentos tecnológicos observados no Brasil. Os desbravadores do meio agiram com similitude, tanto

no nordeste do país, onde se situou a primeira experiência efetiva de radiodifusão (Recife, 06 de março de 1919), como nos esforços paralelos de Henrique Morize, Edgard Roquette Pinto e Elba Dias, no Rio de Janeiro, sem esquecer o mais ousado de todos, o padre gaúcho Roberto Landell de Moura, nos últimos anos do século passado.

Demonstrar as diferenças de formulação da mensagem social é pesquisar as trilhas da radiodifusão, enquanto que a identificação da capacidade inventiva de cada um em obter a emissão de sinal eletromagnético acústico é fato presente no campo da radiofonia. São, portanto, eventos distintos nas raízes de um único meio. É como se a automação e digitalização dos modernos processos que tornam obsoleto o sistema analógico, nada tivessem a ver com a qualidade da mensagem emitida que , nos dias correntes, vem sentindo a sua degradação sócio-cultural, distanciada de uma excelência que marcou o Rádio com o rótulo indelével de “Era de Ouro” para os anos 40/50.

O estudo do Emissor exige o acompanhamento de alguns processos que permitiram a captação do som pelo Receptor. Não se despreza, no entanto, a análise qualitativa do que era executado à frente de um microfone ou na órbita de um estúdio, para ser enviado por um canal até aos artefatos primários do captador de galena, posteriormente substituídos pela linha industrial dos valvulados.

Da mesma forma, deverá estar na análise do Receptor a sua intencionalidade. É preciso considerar que as primeiras experimentações de transmissão à distância foram aquinhoadas com confirmações de recepção, sem que muitas vezes o idioma falado fosse comum aos dois polos. Havia uma intermediação consentida, nessa busca por uma radiofonia.

Seria temerário assegurar uma precedência da emissão de sons sobre a geração de mensagens? Os fatos pesquisados dirão sempre que não, porque os inventos surgidos na pré-história do rádio se referirão sempre a um “sinal”(há muitas referências aos 1.000 ciclos) antes que se estabelecesse uma resposta do “sintonizador”. Há nos acervos de emissoras pioneiras, inúmeros registros de respostas pelos correios – os cartões mais tarde foram padronizados com o rótulo de QSL – que serviram de “feedback”sem que se baseassem em um mesmo código.

A radiodifusão, no entanto, percorreu caminho distinto e, muitas vezes, intuitivo. Não houve um modelo nem um padrão. Há momentos em que a semelhança se restringe apenas à idéia central. Outras vezes, porém, a modelagem é quase total, ressalvadas as ambientações regionais. Poderíamos até avançar na certeza da existência de uma conduta coletiva, em que todas as informações eram liberadas e distribuídas, independentemente do espaço geográfico.

Ao contrário de muitas afirmações inconsistentes, não se constatou qualquer hegemonia de um país sobre o outro entre os anos 20 e 30. Os eventos atribuídos a Guillelmo Marconi como inventor na Itália e negados a Landell de Moura no Brasil, apesar do registro de suas patentes nos Estados Unidos, vão se misturar com o desenvolvimento industrial de Thomas Alva Edison na América do Norte e as próprias patentes inglesas de Marconi. Há evidências de paralelismo no estudo da radiofonia alemã e na utilização da Torre Eiffel em Paris, para emissões. Em um tempo de difícil intercomunicação entre os povos, essas primícias se tornam irrelevantes, na medida em que pouco influenciaram a radiodifusão no conceito em que a colocamos.

Para o caso brasileiro, por exemplo, a distinção que fazemos entre a radiofonia e a radiodifusão tem relevância apenas para exaltar a diferença de conduta entre dois grupos que marcaram o Rádio no Brasil. O primeiro foi integrado por cientistas de fato e autodidatas que se fizeram pesquisadores por curiosidade. Apaixonaram-se pelos estudos da *Physica*, gostaram do campo da energia, viram concretude em tratar com o eletromagnetismo e fizeram-se construtores experimentalistas de artefatos. Cada vez buscaram mais o aprimoramento no improvisado.

É sintomático o caso de ter existido uma Escola de Eletricidade do Recife, onde alunos-amadores se reuniam à noite com um “professor” que, na prática, passava o dia no seu ofício de guarda-livros, escriturando receita e despesa de empresas pernambucanas. Augusto Pereira, em 1918, ensinava a montar um “baixo-falante” para se tentar a captação de um transmissor de telegrafia que ele adaptara para fonia. Havia a idéia de possuir um “receptor”, o que comprova a existência de “emissor”. Não seria apenas a idéia de um “clube de radiófilos”, dedicados a captar emissões do estrangeiro, como levemente insinuou Renato Murce.

Quais seriam esses “emissores” em 1919, se é atribuída à emissora KDKA , de Pittsburg (USA) o pioneirismo em 1920?

Também se pode constatar uma coincidente similitude de procedimento no interior de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto onde o professor José da Silva Bueno pesquisava a “Physica” e terminou por construir, em 1924, um rudimentar transmissor para o seu “clube”- a PRA-I.

Falamos em um segundo grupo de “radiófilos”. Estes sim, tinham um norteamento intelectual e descobriram no meio um difusor de cultura. Imbuídos de um nacionalismo nada piegas, muitos jornalistas, professores, historiadores e músicos de formação, ofereceram aos engenheiros, a mensagem que buscavam para colocar no ar, no lugar do sinal experimental. É o caso do cientista Edgard Roquette Pinto no Rio de Janeiro, a quem se deve atribuir a paternidade de um rádio educativo, cultural, formador de público; jamais um patronato genérico, pois não foi a construção do artefato que o atraía e sim a utilização cultural do equipamento já pronto, chegado dos Estados Unidos para Exposição do Centenário da Independência do Brasil em 1922.

O Rádio tentou acender uma luz no escuro. Por isso que é falso afirmar-se ter tido um advento uniforme. Ledo engano, reflexo de um modelo colonialista centralizador que teoriza um foco centralizador na capital do país. E daí emanam todas as consequências.

O Rádio mostrado no Passeio Público em 1922, na Exposição do Centenário da Independência, não pode ser igual ao gerador idealizado pelo padre Roberto Landell de Moura nas noites frias de Mogi das Cruzes. Nem tampouco semelhante aos modelos experimentais de Fonia, nascidos nas bancadas dos Físicos, reunidos em torno de Augusto Pereira, na Escola de Eletricidade do Recife, instalada no bairro de Ponte D’Uchoa. Há uma distância muito grande entre o produto da “Western Electric” que veio expor no Rio e o “Levy” francês, transformado no Recife para gerar vozes.

A História do Rádio não pode ser contada unilateralmente, a partir do fio condutor do Rio de Janeiro, ignorando-se o resto do Brasil. No Rio não houve investigação empírica. O mundo científico já tomou contato direto com produtos desenvolvidos em laboratórios americanos que eram acompanhados à distância, através de leituras, pelos

mestres concentrados no Observatório Nacional: Henrique Morize, Elba Dias, Edgard Roquette Pinto.

Os transmissores que funcionaram na festa do 1º. centenário da Independência, trazidos pelo governo de Epitácio Pessoa, não exigiam mais estudos e pesquisas, e sim operações. E a curiosidade despertada nos sábios foi quanto ao potencial de comunicação então revelado; o Rádio como instrumento de educação popular.

É bem diferente do caráter de “invento” que marcou todo o trabalho do padre Roberto Landell de Moura, inicialmente em Campinas, no Estado de São Paulo, obtendo patentes nos Estados Unidos para os artefatos que batizou com “Teleauxiófono”, ainda com o uso de fios, o “Caleófono” no mesmo processo, o “Anematófono”, eliminando os fios e o “Edífono”, um depurador de vibrações. O sacerdote gaúcho foi um cultor da inventiva, tanto que se desiluiu com o mundo oficial ao obter patentes no Brasil e Estados Unidos e nada de prático e concreto resultar da sua fidelidade à burocracia.

O que o Governo do Brasil fez em relação aos transmissores SP-1 (Corcovado) e SP-2 (Praia Vermelha) foi adquirí-los aos seus fabricantes norte-americanos e instalá-los para o serviço de telegrafia em razão da navegação. Se a ociosidade veio com o tempo relativamente curto de um ano e o desinteresse estratégico permitiu outra destinação aos artefatos, isto não representa, de forma alguma, um progresso técnico na mais estrita acepção do termo. Melhor seria mencionar uma “engenharia de operações” para qualificar os gestos de Roquette Pinto e Elba Dias em razão dos bens recebidos. E tanto assim é que a História registra uma dissidência de objetivos; enquanto o cientista, companheiro do Marechal Rondon, viu o novo meio como um recurso didático-pedagógico – “a escola dos que não sabem ler”- o segundo, mais pragmático do que técnico, optou pela linha da propaganda comercial, como forma viável de subsidiar a SQ 1-B, nascida em 1 de junho de 1924, numa linha obviamente divergente do espírito cultural educativo da SQ 1-A, esta inspirada no perfil traçado na reunião realizada no Anfiteatro de Física da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923.

Na ânsia de desenhar uma cronologia para o rádio brasileiro, muitos dos que investigaram as origens, foram atraídos pelo brilho fácil da Capital do País. E contaram fatos superficiais sem uma contestação investigatória ou uma comprovação insofismável. Os

biógrafos de Roquette Pinto afirmam que o 1o transmissor utilizado pela futura Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi uma doação do Presidente Eptácio Pessoa. Mas aduzem que a máquina fora fornecida pela casa Pekan de Buenos Aires, sem precisar o seu fabricante: a Westinghouse ou a Western Electric, sabidamente os dois rótulos industriais que, nos Estados Unidos, faziam frente à empresa montada pelo italiano Marconi, responsável pela maior quantidade de fornecimentos no Velho Mundo. E também no Novo Mundo!

Sabe-se que no ano de 1918, anterior às datas mencionadas no Brasil, seja no Recife, seja no Rio, Marconi fazia funcionar um de seus engenhos em Montreal, cuja licença oficial só foi concedida em 1920. No mesmo ano, registram-se experiências de transmissão com equipamentos Marconi, na “British Broadcasting Company”, a histórica B.B.C. de Londres, transmissões marcadas por forte interferência, o que levou à suspensão da atividade, só retomada em 14.11.1922, então com o prefixo 2-LO. Concorrência havia, tanto que a companhia Western atravessou o Atlântico para ajudar os franceses a substituir as ondas longas por médias em 1922, na operação da Radio Paris em Saint Remy l’Honoré.

Veja-se, mesmo panoramicamente, a imprecisa cronologia do rádio no Brasil. Há citações esparsas tais como a referência feita ao navio alemão “Von der Tamm” que, no ano de 1912, em sua passagem pelos ancoradouros da cidade do Salvador, na Bahia, emitiu vozes e músicas para serem captadas pelo Posto de Telegrafia existente na praia de Amaralina. Mas a Rússia também afirmou que o líder revolucionário Lenin falou, através do rádio e a bordo do cruzador “Aurora” em 1922, embora o registro histórico do país assinale emissões regulares de rádio apenas em 1924. O fato presumível é que a instalação de equipamentos, um misto de telegrafia e fonia, começou pelos navios, tanto que a União Européia de Radiodifusão reserva a fase de 1906 a 1917 para as ligações, de ponto a ponto, com a finalidade de salvar vidas humanas, ou seja, uma postura emergencial que não era educação nem lazer. Para a entidade citada, o sentido de radiodifusão no mundo só pode ser identificado entre 1918 e 1927, tudo em função da 1a. Guerra Mundial.

São dois conceitos distintos: a “estrela” e a “idéia”. A nossa abordagem precisa identificar e caracterizar cada unidade exposta, para poder diferenciá-las. No âmbito da radiodifusão, são proposições específicas e definidas.

Ser “estrela” é ser um produto finalizado, capaz de ser assimilado sem quaisquer tratamentos. Pode ser mostrado, duplicado, reproduzido, dentro de uma visão de que, em todas as etapas, será sempre o mesmo filão que nos veio de uma fonte geradora. Ser “idéia” é ser esboço, sujeito a acomodações em recipientes diferentes. É ser passível de reduções e ampliações, sem que se obrigue o usuário a conservar linhas e traços intocáveis. É ser um insumo original que permite sua expansão em subprodutos, olhados sem a preocupação de identificar suas origens. Com a radiodifusão, as “estrelas” conduziam, no próprio rótulo, a sua face, a sua marca, a sua aura, que não deveriam ser mexidas, sob pena de perder o encanto e a origem. As “idéias”, no entanto, viviam em um cenário em busca de modelagem e podiam migrar, ostensiva ou sorrateiramente, sem prejuízo do seu ciclo evolutivo original. A “estrela” e o público fechavam o processo de emissor e receptor. A “idéia” e o assimilador deveriam sofrer forçosamente uma metamorfose para chegar a ser produto. Por isso que o rádio que se consolidou por sobre estrelas, conseguiu ser um bloco monolítico. A outra face, o rádio das idéias, jamais necessitou revelar o seu DNA. É necessário o teste da pesquisa para evidenciar as raízes nem sempre reconhecidas, tamanha a proliferação havida no decorrer das décadas. É possível no rádio de hoje alguém afirmar que criou e imaginou, no momento presente, uma cidade alegre e divertida com personagens de sua lavra sem jamais ter ouvido uma só menção à “Vila da Arrelia”, do humorista Nhô Totico. Isto foi uma idéia. Mas ninguém dirá que vai cantar “O Ébrio” com os recursos de um tenor e atingindo o máximo de agudos sem se referenciar a Vicente Celestino. Porque ele foi a “estrela” que deixou uma marca que só comporta a sua reprodução através do “Cover” (para usar expressão da moda). O rádio do Rio de Janeiro foi de “estrelas” porque começou personificando os seus agentes. O pernambucano Ademar Casé, migrante carioca por causa de um serviço militar, sempre afirmou ter chegado ao rádio por força de seu ofício de vendedor de aparelhos receptores para uma loja da cidade. Quando o rádio o absorveu como profissional, deu-lhe o rótulo: “Programa Ademar Casé”. O fenômeno da estrela se

repetiu nos áureos tempos da Rádio Nacional com o “Programa Manoel Barcelos”, “Programa Paulo Gracindo”, “Programa Cesar de Alencar”.

O rádio de São Paulo difundiu idéias porque ele também sofreu o fenômeno da sedução e da migração. Jamais pode impedir que suas idéias seguissem junto com os seus executores que, muitas vezes, não eram os seus criadores. Bastaria para exemplificar a idéia do “caipirismo” no rádio. Há uma dúvida entre os nomes de Cornélio Pires e Sebastião Arruda, mas a certeza é que ambos são paulistas e participaram do mesmo tempo teatral dos anos 20. Quando Alvarenga e Ranchinho chegaram ao rádio como cantores cômicos, utilizando a viola caipira, o gênero já estava consolidado em São Paulo com inúmeros outros executores; Chico Carretel e seu Arraial da Curva Torta é anterior à dupla.

No entanto, só o estrelismo do rádio carioca deu a Alvarenga e Ranchinho o “status” de dupla caipira, condicionando todos os demais executores do gênero a serem rotulados como seguidores das estrelas. Sabido que São Paulo é um Estado que possui interior caipira, igual ao Nordeste que tem um sertão caipira, por que esses artistas que vieram depois, teriam que se abeberar nas estrelas, ao invés de assimilar as idéias pré-existentes no teatro paulista?

Uma análise acurada do rádio no Brasil não pode desprezar um dado essencial à manutenção de uma atividade que se propõe a ser econômica. Uma exceção foi, sem dúvida, o cientista Edgard Roquette Pinto. Ao reunir um grupo de amigos no anfiteatro de física da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923, o professor tinha em mente, apenas um sonho. Tomára contato com o rádio na exposição do Centenário da Independência em 1922 e desde então alimentára a esperança de fazê-lo funcionar no Brasil. Quanto à forma, o mestre não conhecia. Tanto que a sua Radio Sociedade do Rio de Janeiro não teve pouso certo. Saíu da escola para se reunir na Livraria Científica Brasileira, onde permaneceu pouco tempo. A convite de Carlos Guinle, Roquette instalou estúdios no torreão da casa do amigo na avenida Rio Branco, 109, no Rio, numa altura de um 6º. andar. Mas terminou de funcionar no pavilhão da Tchecoslováquia que existiu desde o parque de amostras da exposição do Centenário. Os biógrafos de Roquette Pinto se referem à doação, pelo Governo, de um transmissor da Casa Peka de Buenos Aires, mas evidentemente o fabricante e expositor foi a Westinghouse americana, posto que o segundo equipamento

exibido, de fabricação Western Electric terminou nas mãos de Elba Dias, depois que deixou de funcionar o SP-2 da Praia Vermelha a serviço da navegação.

Roquette Pinto e seu grupo operaram com o prefixo SQ1-A enquanto Elba Dias operou o SQ1-B. Com a potência de 500 watts, a sociedade passou a ser a emissora PRA-A que teve uma longa vida de doze anos, concluída com o prefixo PRA-2. Evidentemente não era uma experiência empresarial pois foi estabelecida uma mensalidade de cinco mil réis entre amigos e colaboradores, assegurando uma receita de cinco contos de réis. O transmissor inicial que é, erroneamente, apontado como experimental, teve que ser substituído em 1924 por um equipamento da indústria Marconi com 2.000 watts de potência.

Só então a Radio Sociedade assegurou, em 1925, uma programação regular sempre iniciada com o “Jornal da Manhã”, apresentado pelo próprio Roquette Pinto e seus colaboradores: Luiz Biloró, Álvaro de Oliveira e Rodrigues Barbosa. Mais tarde vieram juntar-se ao grupo, o Maestro Luciano Gallet e os programadores Dulcídio Pereira e Marino Saraiva. Mas o cientista, nascido em 25 de setembro de 1884 e então com mais de quarenta anos, sentiu-se sem recursos para enfrentar a concorrência do “reclame” que sustentava a Radio Clube do Brasil, de Elba Dias, que fizera opção por um sistema empresarial.

São comprovados os estudos e experiências do sacerdote gaúcho Roberto Landell de Moura, o portalegrense nascido em 21 de janeiro de 1861 – portanto, treze anos mais velho do que Marconi – e que, atuando como capelão da Igreja do Bonfim em sua cidade natal e lecionando História Universal no Seminário Episcopal, viu-se transferido para a capelania de Campinas, em São Paulo. Otto Albuquerque afirma que Dom Lino, bispo de São Paulo, fez o convite, mas outros biógrafos não identificaram a causa da mudança para o grande centro. Ele não demorou lecionando Ciências Naturais no Seminário, pois é citado como vigário interino de Santos, Santana, capelão do Colégio Santana e depois em Campinas onde o registro histórico do seu biógrafo Hamilton B. de Almeida dá conta das “misteriosas vozes que fazia ecoar na sua igreja às caladas da noite” assustando paroquianos, alguns assumindo postura inquisitorial ao lhe pespegarem as artes de um “bruxo” e destruírem seu laboratório.

O ano de 1893 assinala a presença do Padre Landell na capital, realizando, oficialmente, a 1ª mostra de seus inventos: aparelhos inéditos que não se limitavam a produzir radiotelegrafia e sim vozes que caracterizam radiotelefonía. O feito comprovado por um representante inglês, Mr. P.C.P. Lupton, ocorreu entre a tradicional Avenida Paulista e o Morro de Sant'Anna uma distância de 8 quilômetros. Os antigos asseguram que a geração foi feita no SÍTIO DO CANGUÇU e a captação aconteceu no MIRANTE DE SANT'ANNA. A imprecisão do jornalismo de então não atribui ao súdito inglês a credencial exata; se esteve em nome de Sua Majestade Britânica ou de empório econômico interessado nas invenções. A novidade dos nomes exóticos foi mais fascinante para o repórter: "Teleauxiófono", com fios, "Caleófono", também com fios, "Anematófono", sem usar fios, "Teletiton", apresentado como telegrafia sem fios e, finalmente, o "Edífono", cuja função era de depurador de vibrações.

Se o Brasil, ao emitir Carta Patente de nº 3.279 para o inventor, não zelou pelos seus direitos em 1900, também não o fizeram os norteamericanos em 1904. Ao registrar os aparelhos, patenteando-os sob números 775.337 (telefone), 775.846 (telégrafo), 771.917 (transmissor de ondas), "The Patent Office at Washington" cumpriu apenas a burocracia.

Quanto a Marconi, nascido em Bolonha em 25 de abril de 1874, o que é consignado pelos seus biógrafos deixa antever, sem contestações, que o pesquisador italiano já encontrou uma farta sementeira à sua frente para desenvolver os seus estudos. Bastaria mencionar-se que a corrente elétrica era conhecida desde 1821, graças às comprovações de André Ampère; a própria comunicação já acontecera com o telégrafo de Samuel Morse desde 1835, consolidado depois quando foi estabelecida a ligação entre Washington e Baltimore em 1844. Europa das ilhas britânicas e o continente através de porto da França trocavam mensagens pelo cabo submarino que cruzou o Canal da Mancha em 1850. E na fase dos primeiros anos de vida do bebê Guglielmo, dois eventos devem ser creditados com ênfase a essa busca pela comunicação eletrônica: a patente do telefone de Alexander Graham Bell (1876) e o feito de Rudolf Hertz comprovando com uma transmissão, a teoria da existência de ondas eletromagnéticas formulada por Maxwell (1877).

É preciso destacar, sem pruridos de nacionalismo exacerbado, que quando o norte da Europa e os Estados Unidos proclamavam a centralização de descobertas no novo

campo do conhecimento, os jornais brasileiros, humildemente, consignam registros reais de emissão de sons pelo padre Landell de Moura em 1893. (Marconi tinha apenas 19 anos e a sua biografia não fala em precocidade). Somente no ano seguinte, 1894, é que o italiano utilizaria o oscilador de Hertz, numa distância de 7 metros, sem que, com isso, sensibilizasse o governo do seu país, o que causou a sua migração para a Inglaterra, onde patenteou, dois anos depois, o seu telégrafo sem fio. Há uma prevalência de 4 anos sobre a patente do sacerdote brasileiro que só a obteve em 1901, quando o Brasil emitiu o certificado no 3.279, em 9 de março.

Há muitas evidências quanto à hipótese de que os dois grandes centros culturais do Brasil dos anos 30 – Rio de Janeiro, Capital Federal e São Paulo, metrópole em industrialização – marcharam por rumos diferentes através de várias vertentes. O teatro carioca assimilou sempre valores consagrados e em torno deles, aglutinou imigrantes tanto do Exterior como de vários focos do interior do país. Assim nasceram companhias teatrais que levavam às fachadas das casas de espetáculo, o nome de suas estrelas: Procópio Ferreira, Jaime Costa, Jardel Jércolis, entre outros. O cinema nascido no Rio de Janeiro não foi tão artesanal quanto o mineiro de Humberto Mauro nem o paulista dos italianos. Nasceu, praticamente, em estúdios que possuíam estrelas. Carmen Santos e a Cinédia constituíram uma história. O rádio da capital federal, consagrado no tempo como o pioneiro – apesar da histórica contestação de Pernambuco – conseguiu absorver, pela atração, tudo o que começava a se consolidar nos extremos. Levou músicos do nordeste, como aconteceu com os “Turunas da Mauricéia”, conquistou César Ladeira pelos efeitos da Revolução Paulista de 1932 e fechou, praticamente, a porta aos novos pela evidência e arrogância de suas estrelas, a exemplo de Almirante, duramente criticado pelo cronista pernambucano Nestor de Holanda, um dos primeiros migrantes a ter acesso às páginas do periodismo carioca.

São Paulo teve postura diversa. O seu teatro evoluiu em massa, sem muitas estrelas, a não ser o empresário. Cita-se, por exemplo, o mais bem aceito caipira da época, Sebastião Arruda, pois não foi estrela de única grandeza, apesar de ser um dos três empresários da sociedade “Menezes (Abílio), Arruda (Sebastião) & Prata”, grupo onde atuaram, entre outros, Augusto Barone – mais tarde um dos nomes de relevo no rádio –

Rosália Pombo, que vai migrar para o rádio pernambucano com o pseudônimo de Poliana – e tantos outros.

O cinema artesanal de São Paulo que, nos seus primórdios, chegou a importar, a título temporário, estrelas da câmera como Alberto Botelho, documentarista e ficcionista de várias películas, viveu os primeiros passos sem as estrelas, abrindo espaços para Octavio Gabus Mendes e José Medina, para citar apenas dois que fizeram do rádio a continuação de sua trajetória.

Por isso é que o conceito de “novo”, de garimpagem de valores, de portão de acesso ao talento artístico que marcou a radiodifusão em São Paulo foi o CALOURO.

Atribui-se, primitivamente, ao radialista e locutor Celso Guimarães, a importação da idéia que ele conheceu em uma viagem feita aos Estados Unidos. O fato comprovado por diferentes registros é que o surgimento do programa em São Paulo identificou-se pelo título despretencioso de “Programa de Calouros”, um rótulo que deve ter conduzido muita gente ao dicionário para entender o correlativo português adotado na tradução. Não se encontra, por exemplo, na vida acadêmica, a menção à palavra antes da epopéia do rádio; depois sim, quando o trote acadêmico figura na imprensa como evento de recepção aos “calouros” nas faculdades.

Não havia valores suficientes para alimentar o nascente meio no Brasil e o recurso foi tão válido que a idéia reconhecidamente americana, mas implantada em São Paulo, não custou a se expandir, de norte a sul. Desapareceu a necessidade do rótulo de “distinto cavalheiro” e “prendada senhorinha” para justificar a presença de novos no rádio. O calouro assumiu a sua postura e, praticamente, salvou o rádio na hora da dúvida. O que fazer, daqui para a frente, uma vez que o artefato de transmissão garantiu o funcionamento da onda no ar?

As estatísticas mostram que a idéia foi vitoriosa ao se constatar a longevidade do maior êxito do ramo, a “Peneira Rhodine”, da Rádio Cultura paulista, respaldada no apoio publicitário do produto farmacêutico da multinacional Rhodia.

Foi em janeiro de 1937 que a Rádio Cultura, depois de inaugurar seus novos estúdios no bairro de Jabaquara, com transmissor de ondas dirigidas e com uma festa que teve como ponto alto a presença do teatro de Procópio Ferreira e a encenação de “Deus lhe

Pague”, de Joracy Camargo, deu início ao seu sucesso de calouros. A reação das emissoras paulistas veio de imediato. Nada menos de seis novos programas do gênero já conquistavam os talentos em gestação, mas a “Peneira Rodhine” foi desdobrada em duas edições, a “de ouro” e “a noturna”.

Em sua longa vida, o programa enfrentou episódios curiosos. No Dia de Ano Novo do ano de 1938, uma esquadrilha de aviões, vinda da Itália para acrobacias, esvaziou o auditório da emissora que se viu apenas com dois candidatos para disputar a vaga. E com muita maestria, o programa foi ao ar, incendiando a disputa. O animador de então era Renato Penafirme de Aguiar, que passou a dividir, no mês de abril, a “Peneira de Ouro” com Jota Alvis Assumpção, coadjuvado por José Roberto Whitaker Penteado, levando como atração o prêmio maior de 1.500 contos de réis.

Em maio, a Rádio Cultura teve a coragem de levar os programas de calouros para o horário noturno, pois eles eram feitos às tardes de sábado ou domingo, para não comprometer com estrepantes o chamado período nobre.

Mas a “Peneira Rodhine” conseguiu ser tão célebre na vida do rádio paulista que até mesmo a sua “Comissão do Gongo” era divulgada pelos jornais, em razão dos nomes que compunham: Sílvio Prado, Nelson Coutinho e senhora, Cândido Fontoura e senhora, Cássio da Silva Prado, Antonio Ribeiro dos Santos, Roberto de Souza Queiroz e senhora, Antonio da Silva Prado e senhora, Ulisses dos Santos, Egas Muniz, Plínio de Barros Loureiro e senhora Hermany Bessa. O registro está na edição da folha de 17.04.37, com direito à foto do grupo, em pose exclusiva para o jornal.

Paulistas de 400 anos guardaram na memória a mensagem: “Rhodine, a boa enfermeira que não deixa a dor doer e nem o resfriado vencer”.